

## NOSSO VENTRE ESTÁ GRUDADO NO CHÃO! (SL 44)

Shigeyuki Nakanose\*

Mateus Barbosa de Souza, três anos e meio, tem o peso de um bebê de oito meses e a altura de uma criança de um ano e sete meses. Mateus vive com o pai, a mãe e seus três irmãos no bairro mais pobre da cidade de Itinga, no Vale do Jequitinhonha, MG. No dia 11 de dezembro de 2001, o barraco de Mateus foi visitado por uma médica, que constatou que ele é vítima de uma violenta desnutrição denominada: *kwashiorkor*, muito comum na África. Trata-se de um tipo de desnutrição provocada pela falta de proteína encontrada no leite materno e na carne.

Os primeiros sinais da doença são: fadiga, irritabilidade e letargia. A criança começa a ter diarreia, anemia e retardamento motor. Quando a doença não é tratada a criança perde a imunidade e o corpo incha. Mateus, por exemplo, não anda e aparentemente está gordinho. A evolução da doença pode produzir deficiência mental e levar à morte. Toda criança que teve *kwashiorkor*, mesmo tratada, carregará as seqüelas para o resto da vida.

O pequeno Mateus é um retrato vivo da tragédia de milhões de brasileiros e brasileiras: o clamor da fome, da miséria, da pobreza. Trinta milhões de brasileiros vivem em extrema dificuldade, com uma renda mensal inferior a R\$ 80,00. Este grito ganha proporções enormes ao constatarmos que a economia brasileira se situa entre as dez maiores do mundo. Porém, apenas 1% da população concentra a mesma quantidade de recursos que os 50% mais pobres. Temos 53 milhões de pessoas que se encontram abaixo do nível da pobreza<sup>1</sup>.

A fome, a miséria e a violência fazem parte do nosso cotidiano. Nas ruas e avenidas de nossas cidades encontramos crianças abandonadas, desnutridas, mendigos, doentes, famintos, de mãos estendidas nas ruas e nos faróis, cujos corpos, em si mesmos, são gritos de dor. Esses mesmos gritos do corpo nós encontramos no Salmo 44: “nossa garganta se afoga no pó, está grudado ao chão o nosso ventre”. O salmo é o grito do povo, sofrido e humilhado, diante da derrota militar.

Nos tempos atuais, a situação do povo se agrava, trava-se uma guerra silenciosa, que continua matando muitas pessoas. Sentindo na pele a dor do nosso povo, podemos nos aproximar do Sl 44 para compreender o grito do povo de Israel, sua dor, seu apelo, seu clamor ao Deus da vida.

\* Este artigo é fruto de muito diálogo com a equipe de assessores/as do Centro Bíblico Verbo, especialmente Enilda de Paula Pedro e Maria Antônia Marques.

1. Cf. Mendonça, Ricardo. O paradoxo da miséria. *Veja*, Abril, ed. 1735, ano 35, n. 3, 23 de janeiro de 2002, p. 82-93.

## 1. Texto

<sup>1</sup>Do mestre de canto. Dos filhos de Coré<sup>2</sup>. Poema.

<sup>2</sup>Ó Deus, nós ouvimos com nossos próprios ouvidos,  
nossos pais nos contaram  
a obra que realizaste em seus dias,  
nos dias de outrora.

<sup>3</sup>Tu mesmo, com tua mão, expropriaste nações,  
para plantar nossos pais.

Arruinaste povos,  
para expandir nossos pais.

<sup>4</sup>Não foi pela espada que conquistaram a terra,  
nem foi o braço deles que lhes trouxe a vitória;  
e sim a tua destra e o teu braço,  
e a luz da tua face,  
porque te agradaste deles.

<sup>5</sup>Eras tu, ó meu rei e meu Deus,  
que comandas as vitórias de Jacó.

<sup>6</sup>Contigo destroçamos nossos opressores,  
por teu nome calcamos nossos agressores.

<sup>7</sup>Não era no meu arco que eu confiava,  
nem era minha espada que me trazia vitória.

<sup>8</sup>Eras tu que nos salvavas de nossos opressores,  
e envergonhavas aqueles que nos odiavam.

<sup>9</sup>Em Deus nos orgulhávamos todo o dia,  
celebrando o teu nome para sempre.

<sup>10</sup>Tu, porém, nos rejeitaste e nos envergonhaste,  
e já não sais com nossos exércitos.

<sup>11</sup>Tu nos fazes recuar frente ao opressor,  
e os que nos odeiam saqueiam à vontade.

<sup>12</sup>Tu nos entregas como ovelhas de corte,  
tu nos dispersaste entre as nações.

<sup>13</sup>Vendes o teu povo por um nada,  
e nada lucras com seu preço.

<sup>14</sup>Fazes de nós o ultraje dos nossos vizinhos,  
zombaria e escárnio daqueles que nos cercam.

<sup>15</sup>Fazes de nós uma pilhéria entre as nações,  
meneio de cabeça por entre os povos.

<sup>16</sup>Minha desonra está o dia todo à minha frente,  
e a vergonha cobre o meu rosto,

<sup>17</sup>pelos gritos de ultraje e de blasfêmia

2. Os filhos de Coré, um dos filhos de Levi (Nm 16,1), são apresentados como cantores do Templo (2Cr 12,3). A atribuição de uma coleção de salmos a esse grupo (42–49; 84–85; 87–88) possivelmente identifica os salmos a serem cantados pelo mesmo grupo durante os cultos (cf. Weiser, Artur. *Os Salmos*, p. 65).

na presença do inimigo e vingador.

<sup>18</sup>Tudo isso nos aconteceu, e não te esquecemos,  
nem traímos a tua aliança.

<sup>19</sup>Nosso coração não voltou atrás,  
e nossos passos não se desviaram do teu caminho.

<sup>20</sup>E tu nos esmagaste onde vivem os chacais,  
e nos cobriste com a sombra da morte.

<sup>21</sup>Se tivéssemos esquecido o nome do nosso Deus,  
estendendo nossas mãos a um deus estrangeiro,

<sup>22</sup>por acaso Deus não o teria sondado,  
ele que conhece os segredos do coração?

<sup>23</sup>É por tua causa que nos matam todo o dia,  
e nos tratam como ovelhas de corte.

<sup>24</sup>Desperta! Por que dormes, Senhor?  
Acorda! Não nos rejeites até o fim!

<sup>25</sup>Por que escondes tua face,  
esquecendo nossa miséria e opressão?

<sup>26</sup>Pois nossa garganta se afoga no pó,  
está grudado ao chão o nosso ventre.

<sup>27</sup>Levanta-te! Socorre-nos!  
Resgata-nos, por teu amor!

## 2. Estrutura do texto

O Sl 44, um canto de súplica coletiva, pode ser dividido em três partes: hino que celebra o passado glorioso de lutas e conquistas do povo comandado por seu Deus (v. 2-9); lamentação pelas humilhações presentes de derrota militar sem o povo ter violado a aliança com seu Deus (v. 10-23); súplica que procura despertar Deus para resgatar o seu povo (v. 24-28).

Observando atentamente cada parte, nota-se que a organização está estruturada por meio da repetição de termos e a alternância de dois narradores: “nós” (nosso, nossa, nos) e “eu” (meu, minha)<sup>3</sup>. A fala do sujeito “nós” (v. 2-4), que pode ser o próprio povo, abre e fecha a primeira parte (v. 8-9). O povo celebra a sua história vitoriosa de lutas e conquistas, tendo Deus como o comandante. No centro da perícope, nos versículos 5-7, há alternância entre os narradores. No versículo 5, o novo sujeito “Eu”, possivelmente aquele que dirige o culto, apresenta Deus como “meu rei e meu Deus”, responsável pela vitória de Jacó. O versículo 7 é paralelo ao versículo 5, onde o sujeito “Eu” retoma a sua declaração de confiança em Deus no lugar de “meu arco e minha espada”. No meio da declaração do sujeito “Eu”, o salmo apresenta a proclamação do sujeito “nós”, ressaltando as suas guerras vitoriosas chefiadas por Deus (v. 6).

3. Cf. Craigie, Peter C. *Word Biblical Commentary: Psalms 1-50*, p. 331.

A segunda parte (v. 10-23) inicia-se com a fala do sujeito “nós” (v. 10-15). O povo lamenta a situação presente – a derrota militar – em consequência da ausência de seu Deus, que deixa de ser o rei guerreiro e abandona o povo ao saque, ao ultraje e à zombaria dos seus vizinhos. A fala do sujeito “nós” continua nos v. 18-23, nos quais o povo, como ovelha de corte (v. 12.23), declara a sua inocência e o abandono de Deus. Em meio a essa fala do sujeito “nós”, temos a lamentação do sujeito “eu” nos v. 16-17. O dirigente exprime seu sentimento de desonra: “a vergonha cobre meu rosto”.

Por fim, a terceira parte (v. 24-27) apresenta a súplica de todos. Não basta lamentar, é preciso suplicar a Deus que acorde e venha em socorro de seu povo. Esta parte está marcada pela repetição de verbos na mesma forma gramatical. No v. 24, há dois verbos no imperativo: “desperta” e “acorda”, em paralelo com o v. 27, onde também encontramos outros dois verbos no imperativo: “levanta” e “resgata”. No centro (v. 25-26) da perícopa, o salmo apresenta a dramática situação do povo, que se encontra esmagado e estendido no chão.

#### *Quadro explicativo da estrutura*

A) v. 2-9: Hino ao passado glorioso

- a) v. 2-4: o povo retoma a história salvífica
- a) v. 5: o dirigente declara “ó meu rei e meu Deus”
- b) v. 6: o povo conta a vitória sobre seus opressores
- b) v. 7: o dirigente declara “não por minha espada”
- a) v. 8-9: o povo celebra a história salvífica

B) v. 10-23: Lamentação pela situação presente

- a) v. 10-15: o povo está como ovelhas de corte
- a) v. 16-17: o dirigente sente desonra e vergonha
- a) v. 18-23: o povo está como ovelha de corte

C) v. 24-27: Súplica ao socorro de Deus

- a) v. 24: desperta e acorda!
- b) v. 25-26: por que esqueces nossa opressão e miséria?
- a) v. 27: Levanta e resgata!

Vamos entrar em contato com esse salmo de súplica procurando contemplar atentamente a sua linguagem e o seu significado na tentativa de descobrir: como o povo se sente nessa crise nacional? Quais são os vizinhos que saqueiam, ultrajam e zombam do povo? E o que tudo isso tem a dizer para nós, especialmente para o povo esmagado e estendido no chão?

### 3. Comentando o texto

A) v. 2-9: *Hino ao passado glorioso*

O Sl 44,2-9 começa com a invocação ao nome de Deus (v. 2), um rei guerreiro e senhor da história. Suas façanhas gloriosas de luta e conquistas eram conservadas na memória do povo, passadas de *boca em boca*: “nós ouvimos com nossos próprios ouvidos, nossos pais nos contaram a obra” (v. 2).

Esta expressão é freqüente no Antigo Testamento (Sl 78,3) e remonta às origens do povo de Israel, que no meio de suas lutas experimentou a “obra” de Deus libertando-o dos inimigos e fundando-o como povo. O texto usa o termo hebraico *po ‘al* que pode ser traduzido por obra, ato, ação, intervenção, façanha.

O verbete *po ‘al* aparece 37 vezes no Antigo Testamento; quando aplicado a Deus é para designar as façanhas de Deus na história em favor do povo. São os atos heróicos realizados “em seus dias, nos dias de outrora” (v. 2), num passado remoto e indefinido (Is 51,9; Jr 46,26), que devem ser lembrados e contados para tirar ensinamento para o presente e para o futuro.

Mas, afinal, qual é o ensinamento? Trata-se da fé israelita: Deus é o senhor da história e protagonista nas lutas contra as nações inimigas. Ele expropria e arruína povos inimigos de Israel (v. 2). A vitória de Jacó, ou seja, do povo de Israel, não veio das forças de seus braços, nem de suas espadas nem de seus arcos (v. 4.7). O próprio Deus garantiu a vitória: “a tua destra e o teu braço e a luz da tua face” (v. 4).

O termo “destra”, em hebraico *yamin*, é muito freqüente nos salmos, usado para se referir ao poder supremo e militar de Deus. É a onipotência de Deus manifesta nas lutas e conquistas em favor do povo: “sua destra o salvou e seu braço santo” (Sl 98,1). Já o termo braço (v. 4), em hebraico *zeroa*, reforça o sentido de “destra”, pois “braço” significa o poder de Deus, operando ora na criação (Jr 32,17), ora na libertação do povo de Israel do Egito (Is 63,12), ora no socorro e proteção ao povo (Dt 33,27; Is 40,10; 59,16). Este termo é muito usado nos textos tardios e também como símbolo do poderio militar: “Está abatida a força de Moab e seu braço está quebrado” (Jr 48,25). Ainda se pode entender a terceira força de Deus: “a luz da tua face” como poderio militar. Trata-se da luz poderosa de Deus que cega e inutiliza os inimigos (2Rs 6,18).

Após apresentar esses três sujeitos: “a tua destra”, “o teu braço” e “a luz da tua face”, o salmo usa um único verbo para correspondê-los: “porque te agradaste deles” (v. 4). O texto usa o termo hebraico *raşah*, que pode ser traduzido por apreciar, ter prazer, estimar, querer, favorecer, ser benévolo, ser fiel, amar. No campo semântico militar, o termo é empregado em contextos de vassalagem. Emprega-se o termo *raşah* tanto no sentido da fidelidade do povo ao seu rei (1Sm 29,4), quanto no sentido do favor do rei para com seu povo (2Cr 10,7). Quando aplicado a Deus, o termo *raşah*, que aparece 13 vezes nos salmos, também é usado em contextos que descrevem a fidelidade do povo para com o seu Deus (Sl 78,8) ou o favor de Deus para com o seu povo: “Praza-te, YHWH, livrar-me” (Sl 40,14). Deus, como o soberano no ato de vassalagem, tem o dever de chefiar e libertar o povo diante de seus opressores.

Por isso, o salmo proclama: “Eras tu, ó meu rei e meu Deus (v. 5). Pela aliança de vassalagem, Deus se tornou soberano, “meu rei”. Ou seja, o povo era vassalo de Deus como rei guerreiro que comandava as campanhas militares e envergonhava os opressores (v. 5-8). A aliança do soberano com seus vassalos deveria ter sido renovada e fortalecida ao longo de inúmeras lutas, constantes situações de perigo e vitórias sofridas. Na situação histórica concreta, o povo experimentava os atos de lealdade do seu soberano.

É importante observar que, no centro da primeira parte (v. 2-9), o salmo apresenta essa experiência concreta do povo junto com o seu Deus nas batalhas contra os inimigos: “Contigo destroçamos nossos opressores, por teu nome calcamos nossos agressores” (v. 6). São utilizados dois verbos próprios de atos militares “destroçar” e “calcar”. O termo destroçar, em hebraico *nagah*, tem o sentido básico de chifrar, investir, destroçar, dar chifradas: “José o seu touro primogênito,... seus chifres são chifres de búfalo: com eles destroça os povos até as extremidades da terra” (Dt 33,17). O termo carrega em si a força violenta dos exércitos como bois e búfalos que agridem, derrubam e exterminam os seus inimigos (1Rs 22,11). Assim também o verbo calcar ou pisar, em hebraico *bus*, é quase sempre usado em referência à ação destruidora: “Na minha ira calquei aos pés os povos, na minha cólera os despedacei e derramei por terra o seu sangue” (Is 63,6).

O fato de a ação militar violenta, em inúmeras guerras, ter-se tornado a fonte de forte emocionalidade explica não somente a existência de vários termos carregados de emoção como “envergonhar” (v. 8), “odiar” (v. 8), “orgulhar-se” (v. 9), mas também a necessidade da prática de cultos e rituais em memória das vitórias e das derrotas nas guerras: “Em Deus nos orgulhávamos todo o dia, celebrando o teu nome para sempre” (v. 9).

O uso do verbo orgulhar-se, em hebraico *halal*, que pode ser traduzido por louvar, exaltar, vangloriar, confirma o âmbito do culto. O maior número do uso deste verbo ocorre nos salmos, nos quais o salmista declara sua intenção de louvar a Deus. Tais declarações acontecem num contexto de culto público: “Louvem seu nome com danças, toquem para ele cítara e tambor” (Sl 149,3). O nome de Deus, intimamente ligado aos seus atos e à sua presença na história em favor do povo (Ex 3,13-15), é frequentemente invocado no culto público para que o povo mantenha na memória e na história os atos do seu Deus, seu soberano e seu rei guerreiro (Sl 68,5). E a declaração dos atos violentos de Deus, como expropriar, arruinar, destroçar, calcar os inimigos, é elemento essencial do culto público para o entusiasmo nacional de Israel, ou seja, o apelo à emocionalidade do público para as lutas contra os seus inimigos.

#### *B) v. 10-23: Lamentação pela situação presente*

“Tu, porém, nos rejeitaste e nos envergonhaste, e já não sais com nossos exércitos” (v. 10). Temos aqui o ponto de mudança no texto. Até esse momento o salmo apresenta o passado glorioso de Israel, no qual Deus, como rei guerreiro e soberano, comandava seu povo nas lutas e nas conquistas.

Agora, o texto relata a situação presente do povo. Recorda o passado glorioso de conquistas e descreve o momento presente, eivado de humilhação e derrota militar. O

que aconteceu? Quem foi culpado? Foi Deus que deixou de ser o soberano e o rei guerreiro do povo de Israel. O povo é derrotado, enfrenta grande desgraça e sofrimento nacional. Esse sofrimento é consequência, não da superioridade do inimigo, mas do abandono de Deus, o grande responsável pela situação desastrosa do povo. Cabe aqui observar que, na pequena perícopes de seis versículos (v. 10-15), aparecem dez verbos cujo sujeito é Deus:

- Tu nos rejeitaste
- Tu nos envergonhaste
- Tu não saís com nossos exércitos
- Tu nos fazes recuar frente aos opressores
- Tu nos entregas como ovelhas de corte
- Tu nos dispersaste entre as nações
- Tu vendes o teu povo por um nada
- Tu nada lucras com seu preço
- Tu fazes de nós o ultraje dos nossos vizinhos
- Tu fazes de nós uma pilhéria entre as nações

Podemos notar vários atos de guerra. Os exércitos de Israel foram derrotados e obrigados a “recuar” (v. 11). Deixaram o povo na mão dos inimigos: “Os que nos odeiam saqueiam à vontade” (v. 11). O fato de estar sendo saqueado mostra que o povo está entregue à própria sorte: “Tu nos entregas como ovelhas de corte” (v. 12). É uma metáfora como “cordeiro conduzido ao matadouro” (Is 53,7) para designar morte brutal. O povo experimenta na pele dor e morte nas guerras.

Após descrever o saque e a morte, o salmo continua a denunciar os outros atos de guerra: deportação e escravidão. O povo derrotado é preso, vendido e levado como escravo (v. 12-13). E quem fica na terra está à mercê dos seus vizinhos: ultraje, zombaria, escárnio (v. 14).

O substantivo ultraje, em hebraico *herpah*, vem do verbo *harap*. Este verbo tem o sentido de afrontar, injuriar, insultar, censurar, blasfemar, repreender, desonrar, ultrajar os inimigos – expô-los à derrota militar e à humilhação (Jz 8,15). E seu substantivo ultraje expressa a atitude de tortura psicológica daqueles que cercam e odeiam os derrotados (Sl 71,13). Neste sentido, utiliza-se também o termo zombaria, em hebraico, *la’ag*. O termo *la’ag* ocorre sete vezes no Antigo Testamento, cinco das quais é zombaria como tortura psicológica em situação de guerras: “entregues ao saque e à zombaria das demais nações ao redor de vós” (Ez 36,4).

O termo escárnio, em hebraico *qeles*, reforça esta idéia de tortura. Pois o termo *qeles*, empregado três vezes no Antigo Testamento, ocorre junto com o termo *herpah* e o termo *la’ag*: “Tornamo-nos ultraje para nossos vizinhos, zombaria e escárnio para aqueles que nos cercam” (Sl 79,4). E o v. 15 aumenta ainda mais essa insistência nos

atos de humilhação: “Fazes de nós uma pilhéria entre as nações, meneio de cabeça por entre os povos”.

É uma mudança substancial de Deus em relação ao seu povo – para que este chegue à seguinte confissão: “Minha desonra está o dia todo à minha frente, e a vergonha cobre o meu rosto, pelos gritos de ultraje e de blasfêmia na presença do inimigo e vingador” (v. 16-17). A mudança repentina do plural (nós) para o singular (minha e meu) aumenta a dramaticidade da fala. Assim, o dirigente “EU” no culto declara e apela à emocionalidade do público com os termos: desonra, vergonha, grito, ultraje e blasfêmia.

Tudo isso aconteceu com o povo. O que ele teria feito? O povo se diz inocente. Garante ter sido fiel a seu soberano e afirma ainda estar rodeado de desgraças. O salmo concede ao tema da inocência três versículos com uma série de sinônimos e várias repetições (v. 18-23):

- Nós não te esquecemos
- nem traímos a tua aliança
- Nosso coração não voltou atrás
- nossos passos não se desviaram do teu caminho
- Se tivéssemos esquecido o nome de nosso Deus
- estendendo nossas mãos a um deus estrangeiro

A inocência do povo fica evidente no uso de quatro verbos: não esquecer; não trair; não voltar atrás; não desviar. É uma forma de dizer: somos inocentes e não violamos a aliança. O povo repete duas vezes o verbo esquecer, insistindo na sua inculpabilidade.

Apesar de ser fiel, o povo se sente atirado no fundo do poço, praticamente numa experiência de exílio. Num grito dramático de inocência ele começa a descrever a sua situação (v. 20.23):

- Tu nos esmagaste onde vivem os chacais
- tu nos cobriste com a sombra da morte
- É por tua causa que nos matam todo o dia
- e nos tratam como ovelhas de corte

Chacal, ou dragão, era um réptil grande, comumente visto perambulando pelas ruínas das cidades abandonadas, comendo carniças e detritos. Era símbolo da total desolação, figura dos mais poderosos inimigos de Deus e do povo. O termo pode ser encontrado em textos escritos no tempo do exílio como Lamentações, Jeremias e Segundo Isaías (Is 43,20). O livro das Lamentações usa o termo para descrever a que ponto de crueldade chegou o povo (Lm 4,3). Já o livro de Jeremias compara Nabucodonosor a um dragão, o violento imperador babilônico que devastou Jerusalém: “Devorou-me, consumiu-me, Nabucodonosor, o rei da Babilônia, ele me deixou como um prato va-



zio, engoliu-me como um dragão, encheu o seu ventre de minhas melhores partes, ele me expulsou” (Jr 51,34).

No Salmo 44, o povo se sente “nas sombras da morte” (v. 20) – com as pálpebras cansadas de tanto chorar! (Jó 16,16). Trata-se de uma dolorosa experiência que necessita de uma expressão muito forte para descrevê-la: trevas espessas, poço profundo, mansão dos mortos (Jó 10,21; Sl 139,11-12). Ainda assim, o povo não estendeu as mãos para oferecer culto aos deuses estrangeiros (v. 21).

A imagem de Deus que o povo tem na memória é a de um Deus onipotente e onisciente. Ele sabe de tudo: “conhece os segredos do coração” (v. 22). O termo coração, em hebraico *leb*, designa a totalidade da pessoa, sua personalidade, emoções, pensamento e vontade. É o centro da decisão moral (Jr 17,9). Deus sabe que o povo é inocente, fiel à aliança. Por isso, o povo indignado o acusa: “É por tua causa que nos matam todo o dia, e nos tratam como ovelhas de corte” (v. 23).

Na Bíblia, o povo de Israel muitas vezes é comparado a ovelhas (Nm 27,17). Essa imagem supõe que o povo deve ser guiado e protegido por um pastor (Sl 23,1). O povo, por sua vez, como ovelhas, deve estar atento à voz do seu senhor (Sl 95,7). Na história de Israel, a deportação do povo para a Babilônia é comparada com a imagem de ovelhas conduzidas para a matança (Jr 25,34). No Salmo 44, o povo, sem a proteção de Deus, seu pastor, está sendo levado para o exílio, como ovelha ao matadouro.

Depois de o povo declarar sua inocência, e denunciar que Deus-rei não havia assumido seu compromisso no contrato de vassalagem, selado pela aliança, ele apresenta suas súplicas.

#### C) v. 24-28: *Súplica ao socorro de Deus*

Por fim, o povo grita a Deus, exigindo que ele acorde e assuma seu compromisso na aliança. E vai além... O povo ousa questionar: “Por que escondes tua face, esquecendo nossa miséria e opressão?” (v. 25). A expressão “tu escondes tua face”, normalmente, é usada no Antigo Testamento para descrever que Deus se afasta e rejeita o povo por causa da iniquidade (Sl 27,9; 51,11).

No Salmo 44 o povo insiste em sua inocência e acusa que Javé esconde sua face injustamente, sem motivos. O povo não esqueceu a aliança e, mesmo assim, Javé se afastou; a prova disso é que seus súditos estão sofrendo, com a garganta afogando no pó. O termo garganta, em hebraico *nefex*, pode ser traduzido também por vida, alma, desejo, sonho, respiração. Pode até significar apetite, no sentido de fome de comida. Quando esse termo vem junto com a palavra ventre pode significar a totalidade da pessoa (Sl 31,10).

Neste salmo, a totalidade da pessoa está “afogada no pó”, ou seja, encontra-se na extrema humilhação. O povo usa uma linguagem corporal para expressar seu apelo, seu grito que nasce do chão da vida cotidiana, cheia de sofrimento e dor. O povo está impotente, com fome, massacrado, sem fôlego, sem sonhos, sem desejo de viver. Isto é a prova de que Deus se esqueceu do compromisso da aliança. Mas, sob as cinzas ain-

da existe uma mecha que fumeja. Esta mecha transparece no grito na última frase do salmo: “Resgata-nos, por teu amor!” (v. 27).

O verbete amor, em hebraico *hesed*, pode ser traduzido por solidariedade, misericórdia, no sentido de amor gratuito. Mas, no Salmo 44, ele tem o sentido de lealdade, de fidelidade face ao compromisso da aliança (Dt 7,9). O povo exige o compromisso de Deus para com ele no sentido histórico da aliança celebrada nos v. 3-9: “Eras tu, ó meu rei e meu Deus”.

O Salmo 44 é uma súplica coletiva diante de uma derrota militar sofrida por Israel. O povo, como súdito, insiste na sua inocência e acusa Deus-rei do não cumprimento da aliança de vassalagem. A ausência da ação de Deus é descrita na expressão de emocionalidade, que se manifesta na totalidade do corpo. Este salmo, provavelmente, era rezado no culto para provocar indignação contra a situação vigente, ajudar a comunidade a tomar consciência dos fatos e incentivá-la na lealdade e fidelidade a Deus. Para acordar Deus, o povo também tem que ser leal. No fundo, o grito para Deus acordar é um apelo para que o próprio povo acorde e se levante.

Para sentir mais de perto este salmo, vamos tentar lê-lo no chão da vida que acontece num tempo e num lugar concreto – ou seja, na história.

#### **4. Aqueles que nos odeiam saqueiam à vontade**

O Salmo 44, como a maioria dos salmos, não traz dados evidentes para situá-lo no tempo e no espaço. O texto não menciona nem templo, nem rei, mas deixa transparecer uma situação histórica concreta de derrota militar, com destruição, fuga, saque, morte, prisioneiros de guerra. Nesse sentido, é muito semelhante ao texto das Lamentações, escrito na época da invasão babilônica: “Judá foi desterrada, humilhada, submetida a dura servidão; hoje habita entre as nações, sem encontrar repouso. Os que a perseguiram alcançaram-na em lugares sem saída” (Lm 1,3; cf. 2,20).

Inclusive alguns termos usados no Salmo 44, como por exemplo: “destra”, “chacais”, eram comuns nos escritos do tempo do exílio: “Até os chacais dão o peito, amamentam suas crias. A filha de meu povo tornou-se cruel como os avestruzes do deserto” (Lm 4,3).

Nesta situação de guerra, fome e destruição, o povo se sente rejeitado, humilhado, ultrajado, envergonhado, perseguido por seus opressores, exposto aos saques de seus adversários, entregue como ovelhas de corte, disperso por entre as nações vizinhas, objeto de zombaria de seus inimigos, esmagado e sob a sombra da morte. Mas, quais são os opressores e os vizinhos que estão submetendo o povo a diversos ultrajes e humilhações?

Na época da invasão babilônica, os povos vizinhos, como Moab, Amom, mas sobretudo os edomitas, não foram solidários com Judá vencido. Ao contrário, aproveitaram a oportunidade para ocupar terras de Judá, além de zombarem da desgraça de seus habitantes. A literatura exílica e pós-exílica traz inúmeras denúncias contra o comportamento de Edom (Is 34; Lm 4,21-22; Ez 25,12; 35,15; Ab 10-16; Is 63,1). O

Salmo 137,7 acusa Edom de ter ajudado Babilônia na destruição de Jerusalém: “Javé relembra o dia de Jerusalém aos filhos de Edom, quando diziam: ‘Arrasai-a! Arrasai-a até os alicerces’”.

Por que Babilônia usou Edom nos seus ataques contra Judá? Porque entre essas duas nações existe uma longa história de brigas e disputas de territórios. Já na época da consolidação da monarquia em Israel, Davi conquista Edom e massacra sua população conforme relato de 1Rs 11,15-16: “Depois que Davi vencera Edom, Joab, general do exército, foi sepultar os mortos e matou todos os varões de Edom” (2Sm 8,13-14). Salomão, por sua vez, perdeu o controle de Edom (1Rs 11,23-25). O rei Josafá novamente consegue submeter Edom a Judá (1Rs 22,48). No tempo de Jorão, os edomitas se libertam de Judá (2Rs 8,20). Na seqüência dos acontecimentos, o rei Amasias ganha novamente o controle do território de Edom (2Rs 14,10).

Judá chama os edomitas de vizinhos, povo irmão, que se torna inimigo, vingador. Na época da invasão babilônica Edom se coloca a serviço da nação invasora para se vingar de Judá e humilhá-la pela destruição vivida. Essa experiência de humilhação e dor pelo escárnio dos vizinhos pode ser recordada de maneira muito forte no Sl 44,14: “Fazes de nós o ultraje dos nossos vizinhos, zombaria e escárnio daqueles que nos cercam”.

As guerras e as conseqüentes derrotas acumulam uma história de ódio e vingança, vergonha e desonra. Para o povo do Oriente, a vergonha é a emoção mais penosa, que produz o sentimento de que a pessoa não merece viver. Esse sentimento está presente no Salmo 44, entranhado nos corpos das pessoas, que gritam: “Pois nossa garganta se afoga no pó, está grudado ao chão o nosso ventre” (v. 26).

Entoando esse salmo, o povo vai adquirindo consciência de sua realidade, levando-o a recuperar sua capacidade de se indignar perante a situação de dor e humilhação. Assim, o povo sai de sua estagnação, ganha novas energias e procura resgatar sua dignidade de vida, somando forças para enfrentar a situação de violência e ultraje infligida por outros povos: “Levanta-te! Socorre-nos! Resgata-nos, por teu amor!” (v. 27). É um apelo a Deus para que ele assuma o comando na luta pela vida, mas é, acima de tudo, um clamor para que o povo acorde e se torne sujeito de sua história.

## **5. Nossa garganta se afoga no pó**

Os meios de comunicação: rádio, televisão, jornal, revistas, internet e outros, dia a dia nos bombardeiam com imagens de violência, fome e miséria. “No lixão de Valparaíso, a poucos quilômetros de Brasília, há gente disputando os restos de alimentos com os animais”. Crianças abandonadas, desnutridas e sem escolas, como Mateus, vivem perambulando pelas ruas de nossas cidades. Essas imagens já não nos causam impacto, passaram a fazer parte de nosso cotidiano.

A tendência do neoliberalismo é preocupar-se com o bem-estar das elites. Para este grupo a felicidade consiste em não sofrer e em não ser incomodado por ninguém. Nesse sistema vale a máxima: “cada um por si e Deus por todos”. A cultura individual

lista ganha, cada vez mais, espaço na sociedade atual, em detrimento da preocupação com os problemas sociais. A realidade de pobreza, miséria e sofrimento não fazem parte do universo de muitas pessoas. As religiões que mais crescem são aquelas que não se preocupam com as questões sociais, com a fome e a miséria de outras e outros, mas com a paz, a harmonia universal, a alegria e a prosperidade.

Enquanto isso, muitos *Mateus* continuam morrendo... O que é necessário fazer para despertar a nossa sensibilidade perante as situações de não-vida? É necessário resgatar a capacidade de se emocionar e sentir na própria pele a dor de outras pessoas, especialmente daquelas que se encontram “com a garganta e o ventre grudados no chão”. É preciso entoar juntos e juntas um cântico de súplica ao Deus da Vida para assumirmos um projeto de vida para todas e todos. Acorda! Levanta! É um apelo para mim, para você, para todas as mulheres e homens que lutam em favor da vida!

### **Bibliografia**

- BORTOLINI, José. *Conhecer e rezar os Salmos – Comentário popular para nossos dias*. São Paulo, Paulus, 2000. 624p.
- CRAIGIE, Peter C. *Word Biblical Commentary: Psalms 1–50*. Vol. 19. Waco/Texas, Word Books, 1983. 376p.
- SCHÖKEL, Luís Alonso & CARNITI, Cecília. *Salmos, I (Salmos 1–72). Tradução, introdução e comentário*. São Paulo, Paulus, 1996. 920p.
- WEISER, Artur. *Os Salmos*. São Paulo, Paulus, 1994. 662p.

*Shigeyuki Nakanose, svd*  
Rua Verbo Divino, 993  
04719-001 São Paulo, SP  
[www.cbiblicoverbo.com](http://www.cbiblicoverbo.com)